



RTEP
REVISTA ISSN: 2316-1493
TURISMO
ESTUDOS & PRÁTICAS

Artigo/Article

TURISMO ÉTNICO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MIMBÓ EM AMARANTE-PI

ETHNIC TOURISM IN THE "QUILOMBOLA" MIMBÓ COMMUNITY IN AMARANTE-PI

Anadia Teresa Soares de Araújo¹
Sarany Rodrigues Fernandes²
Antonio Rafael Barbosa de Almeida³

RESUMO: Este trabalho se volta a compreender as dinâmicas, as perspectivas e os entraves do turismo étnico na comunidade quilombola do Mimbó, localizada no município de Amarante (PI). Para tanto, parte das análises e reflexões sobre as transformações e reorientações da prática turística contemporânea, com atenção para as abordagens que situam e inserem as comunidades tradicionais, como indígenas e quilombolas, como é o caso do turismo étnico. Metodologicamente, o estudo se relaciona aos pressupostos da pesquisa qualitativa, de abordagem exploratória, operacionalizada a partir da revisão de literatura e da pesquisa de campo. Em sua fase de campo, a pesquisa adotou a observação participante, por meio de vivência das práticas de visitação ali realizadas e o contato com lideranças comunitárias. Em seguida, foram selecionados três representantes para realização de entrevistas em profundidade, duas delas realizadas de modo presencial e uma no formato remoto. Os resultados revelaram as especificidades da condução da prática turística na comunidade Mimbó, em que as dinâmicas do turismo local são permeadas de desafios, a exemplo da falta de estrutura turística e da necessidade de um planejamento mais estruturado dessa atividade. Ao mesmo tempo, a pesquisa identificou oportunidades que podem conduzir a um cenário de maior engajamento, fortalecimento identitário e desenvolvimento social e econômico da referida localidade através do turismo, além de promover a preservação da cultura daquela comunidade. **Palavras-chave:** Turismo Étnico; Comunidade Mimbó; Resistência.

¹ Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual do Piauí. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0829-5167>. E-mail: anadiaraujo@aluno.uespi.br.

² Docente do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Estadual do Piauí. Mestrado em Cultura e Sociedade (UFMA), Graduação em Turismo (UFMA). ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1888-4211>. E-mail: sarany@ccsa.uespi.br.

³ Docente do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Estadual do Piauí. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo (UFRN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2130-8285>. E-mail: antoniorafael@ccsa.uespi.br.



ABSTRACT: This paper aims to understand the dynamics, perspectives and obstacles of ethnic tourism in the community of Mimbó, located in the municipality of Amarante (PI). To this end, it starts from analyzes and reflections on the transformations and reorientations of contemporary tourist practice, with attention to approaches that situate and include traditional communities, such as indigenous people and quilombolas, as is the case of ethnic tourism. Methodologically, the study is related to the assumptions of qualitative research, with an exploratory approach, operationalized from literature review and field research. In its field phase, the research adopted participant observation, through experience of the visiting practices carried out there and contact with community leaders. Three representatives were then selected to carry out in-depth interviews, two of which were carried out in person and one remotely. The results revealed the specificities of conducting tourism in the Mimbó community, in which the dynamics of local tourism are permeated with challenges, such as the lack of tourist structure and the need for more structured planning of this activity. At the same time, the research identified opportunities that could lead to a scenario of greater engagement, identity strengthening and social and economic development of that location through tourism, in addition to promoting the preservation of that community's culture. **Keywords:** Ethnic Tourism; Mimbó Community; Resistance.

INTRODUÇÃO

O turismo contemporâneo tem se caracterizado pela busca por experiências autênticas e enriquecedoras do ponto de vista dos visitantes (turistas) e dos visitados, promovendo o florescimento de práticas turísticas marcadas pela pluralidade, inclusão e diversidade. Nesse contexto, o turismo étnico emerge como uma modalidade de visitação que se distancia dos modelos convencionais de produção e consumo turístico, tendo como preceito central a imersão ou vivência dos turistas nas tradições, memórias, narrativas e patrimônios culturais das comunidades tradicionais visitadas.

Esta tipologia particular de visitação se posiciona enquanto uma abordagem capaz de se alinhar à preservação das tradições e expressões étnicas locais, e em consideração a frequente fragmentação, uniformização e ameaça imposta pela homogeneização cultural trazidas no bojo da globalização (Aragão, 2015). Nesse contexto, o turismo étnico surge como um potencial catalisador para a promoção e sustentabilidade dessas tradições, bem como das próprias comunidades.

Ao valorizar as tradições culturais locais, o turismo étnico não apenas preserva a identidade cultural local, mas também impulsiona a distribuição de renda e a autonomia no âmbito comunitário, ao mesmo tempo em que promove a conservação de seus recursos naturais e culturais. Essa abordagem alinha-se com os princípios da sustentabilidade, equilibrando o crescimento econômico, a proteção ambiental e a promoção do bem-estar social, muitas vezes associadas às práticas de gestão turística protagonizadas no âmbito local, articulando-se aos preceitos e princípios do turismo de base comunitária (TBC) (Brasil, 2023).

Ao focar as comunidades quilombolas no Brasil e sua relação com o turismo são evidenciadas em primeiro lugar as origens históricas dos povos negros no país, que remonta ao período colonial e a prática da escravidão e os seus reflexos até os dias atuais. Ao reconhecer as diferentes formas de exploração, opressão e outras formas de violência vivenciadas por este grupo, ressalta-se não apenas a resiliência dessas



comunidades, mas também sua contribuição para a diversidade cultural do país, o que por sua vez amplia as aproximações entre as comunidades e as práticas de visitação turística por meio do turismo étnico ou etnoturismo.

Diante disso, são reconhecidas as possibilidades e as articulações da comunidade quilombola Mimbó, que está localizada no espaço rural do município de Amarante (PI), no desenvolvimento de experiências de visitação turística. A comunidade do Mimbó foi a primeira a ser reconhecida como remanescente de quilombo no Piauí, e atualmente é constituída por aproximadamente 72 famílias, segundo dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), (Piauí, 2023) e tem sua economia baseada na agricultura e pecuária.

Ao explorar as dinâmicas do turismo étnico, podemos compreender as práticas de visitação ali existentes e vislumbrar as oportunidades e os desafios que se apresentam para essa comunidade. Frente a maior diversificação e visibilidade do turismo étnico no país, acompanhada da premente reflexão sobre os contornos e dinâmicas dessa prática aos cenários locais, emerge a seguinte questão norteadora: de que modo a visitação turística conduzida na comunidade quilombola Mimbó, em Amarante-PI assimila os preceitos e práticas do turismo étnico? Assim sendo, o presente trabalho tem como objetivo geral compreender as dinâmicas, as perspectivas e os entraves do turismo étnico na comunidade quilombola do Mimbó (PI).

TURISMO ÉTNICO: (RE)DISCUTINDO CONCEITOS E PRÁTICAS

O turismo étnico constitui uma expressão singular do turismo cultural que atribui valores e significados ao patrimônio material e imaterial de um grupo étnico específico. Por sua vez, o turismo cultural pode ser interpretado como uma vertente da atividade turística que, por meio da apreciação ou vivência dos elementos do patrimônio cultural material ou imaterial e da intermediação interpretativa, possibilita aos visitantes a participação ativa na construção de conhecimentos acerca do patrimônio cultural e de seu contexto histórico (Costa, 2009).

Assim, o turismo cultural e o turismo étnico compartilham a proposta de imersão nos bens e patrimônios culturais. No entanto, enquanto o primeiro destaca a apreciação do patrimônio material e imaterial, o segundo aprofunda essa experiência ao incorporar as tradições étnicas específicas de um grupo social e comunitário particular. Ambas as abordagens, no entanto, enfatizam a participação ativa dos visitantes, permitindo a vivência direta das práticas cotidianas e valores culturais únicos de uma comunidade.

O turismo étnico surge como uma expressão da busca contemporânea por experiências autênticas e enriquecedoras, transcendentais à mera visita passiva e acrítica a destinos e atrativos turísticos convencionais, transportando o turismo para além do simples ato de viajar. Nessa direção, autores como Souza et al. (2021) e Silva e Carvalho (2010) apontam que esta modalidade particular de turismo tem se firmado enquanto alternativa ao turismo massificado, ao qual se reconhece o consumo ilimitado e pouco atento às questões culturais locais.

No início da década de 1980, quando as práticas turísticas convencionais já eram questionadas por seu potencial desagregador para os lugares e comunidades visitadas, Pierre (1980 *apud* Costa, 2004) elaborou um conceito introdutório para o turismo étnico. Para o autor, trata-se de um turismo em que “os nativos” seriam a atração principal, ou pelo menos uma atração significativa da experiência de visitação. Contudo, conforme Costa (2004), o autor reconheceu uma vertente mais “pura” em que a prática



do turismo étnico seria equivalente ao que chamou de turismo etnográfico. Nesse último aspecto, o autor ressaltou, portanto, a centralidade da dimensão humana, destacando a ênfase nas experiências pessoais e nas expressões culturais específicas de determinadas comunidades. Também enfatizou a sua dimensão educativa e enriquecedora, pois essa vertente incentiva os turistas a se aprofundarem nas expressões étnicas das comunidades, promovendo uma compreensão mais respeitosa das diversidades culturais.

Por sua vez, Cardozo (2005) contribuiu ao interpretar o turismo étnico como sendo:

Aquele relacionado às experiências turísticas cujo atrativo seja a cultura de uma comunidade que se construiu e se representa fora das culturas centrais ocidentais, independentemente de essa comunidade ser autóctone, ou transplantada. (Cardozo, 2005, p. 53)

O conceito trazido por Cardozo (2005) apresenta uma perspectiva ampla e inclusiva do turismo étnico, ao destacar a relevância das experiências turísticas relacionadas à cultura de comunidades que se desenvolveram fora das culturas centrais ocidentais. A ênfase no fato de a comunidade ser autóctone ou não é particularmente interessante, pois a autora reconhece que as expressões culturais significativas podem emergir tanto de tradições locais enraizadas quanto de culturas transplantadas que continuam a florescer em novos contextos.

No âmbito institucional, a Organização Mundial do Turismo (OMT) ofereceu o seu entendimento sobre a modalidade. Para o organismo internacional, o turismo étnico é definido como aquele impulsionado pela etnicidade, servindo para comparação e compreensão social principalmente de grupos étnicos. Nesse contexto, os turistas buscam enriquecer sua perspectiva ao observar e se envolver com modos de vida, conhecimentos e práticas distintas das suas (OMT, 2003).

Em âmbito nacional, o Ministério do Turismo (MTur) (Brasil, 2004), ateve-se em elaborar um conceito do turismo étnico no intento de adotá-lo no desenho e na operacionalização de suas políticas, programas e projetos. Para o órgão, a modalidade

Constitui-se das atividades turísticas decorrentes da vivência de experiências autênticas em contatos diretos com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos. Busca-se estabelecer um contato próximo com a comunidade anfitriã, participar de suas atividades tradicionais, observar e aprender sobre suas expressões culturais, estilos de vida e costumes singulares. Muitas vezes, tais atividades podem articular-se como uma busca pelas próprias origens do turista, em um retorno às tradições de seus antepassados. Envolve as comunidades representativas dos processos migratórios europeus e asiáticos, as comunidades indígenas, as comunidades quilombolas, e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos como valores em seu modo de vida, saberes e fazeres. (Brasil, 2004, p. 17)

O conceito apresentado pelo MTur (Brasil, 2004), e reforçado pelo órgão em 2010, busca destacar os principais elementos ou expressões do turismo étnico em âmbito nacional, com ênfase na interação significativa entre turistas e comunidades anfitriãs ao passo que inclui diferentes representações ligadas a grupos étnicos existentes no país. Também enfatiza a busca por experiências autênticas e o contato direto com os modos de vida e identidade desses grupos, com o ressalto ao necessário



engajamento genuíno e respeitoso por parte dos visitantes, permitindo que essas experiências sejam benéficas a todos os envolvidos.

Diante disso, a exposição desse conceito pelo ente ministerial (MTur), apresentado juntamente com o marco teórico de outros segmentos ou orientações prioritárias do turismo brasileiro, demonstra a relevância que este tipo particular de turismo adquiriu no início dos anos 2000 no país, ainda que os esforços para a sua conceituação não tenham se revertido em ações efetivamente direcionadas por meio de programas e projetos.

No ano de 2023, entretanto, uma nova interpretação é dada pelo MTur ao etnoturismo (turismo étnico). Para o órgão, trata-se da prática turística guiada “sob os princípios do etnodesenvolvimento e do Turismo de Base Comunitária, em território de grupos étnicos, em que suas manifestações culturais se constituem no elemento central de atratividade” (Brasil, 2023). Assim, o órgão vincula diretamente o turismo étnico, ou etnoturismo, aos princípios e orientações do TBC, que, por sua vez, alinha-se aos seguintes princípios: autogestão, equidade social, solidariedade, cooperação, responsabilidade socioambiental e interculturalidade (Brasil, 2023).

Por meio das conceituações aqui apresentadas, pode-se interpretar o turismo étnico como sendo aquele que, ao contrário de simplesmente admirar paisagens exóticas, estimula o viajante a compreender, admirar, respeitar e interagir com as manifestações culturais, históricas, religiosas e sociais de grupos étnicos locais, mergulhando em suas tradições, costumes e modos de vida únicos, esse convite vem como uma forma de se inserir em um novo contexto e encontrar conexões.

Assim, seja por seus valores simbólicos, identidade cultural ou pelos mecanismos que o ligam ao desenvolvimento sustentável local, a sua prática tem sido compreendida enquanto atividade que estimula o reconhecimento das tradições e elemento propagador da cultura dos povos tradicionais (Aragão, 2015). Além disso, o turismo étnico desempenha um papel ativo na conservação dessas práticas, contribuindo para a manutenção não apenas da memória histórica, mas também da vitalidade e dinamismo cultural de uma comunidade (Rosa Filho, 2020).

Adiante, a preservação e promoção cultural são resultados desejáveis e intrínsecos às práticas denominadas de turismo étnico. Ou seja, a busca por experiências turísticas étnicas perpassa por impulsionar a conservação e valorização das práticas culturais tradicionais, dos saberes e fazeres e das expressões artísticas de uma determinada comunidade ou grupo étnico. Somente assim, o turismo se tornaria uma ferramenta valiosa para a preservação e revitalização de elementos culturais que, de outra forma, poderiam cair no esquecimento ou negligência. Ganham vida ao considerarmos o rico patrimônio de uma comunidade, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e tolerante.

A ênfase na participação nas atividades tradicionais, observação das expressões culturais e aprendizado sobre os estilos de vida e costumes enfatiza a natureza imersiva desse tipo de turismo. Além disso, ao mencionar a possível articulação dessas atividades como uma busca pelas próprias origens do turista, esse conceito nos permite destacar a dimensão pessoal e emocional que muitas vezes permeia o turismo étnico, o que permite ir além de um momento de lazer, voltando-se a experiências marcantes e significativas (Souza & Pinheiro, 2018).

O turismo étnico é uma modalidade que ganha cada vez mais destaque no cenário turístico, destacadamente em países do Sul Global, como o Brasil. Diante disso, essa prática turística tem apresentado diferentes expressões, a exemplo do turismo étnico-



afro, modalidade que se volta especificamente aos aspectos das culturas, histórias e contribuições da diáspora africana. Para Domingos (2019, p. 27), o turismo étnico-afro “surge com o objetivo de valorizar a história do povo negro, através de elementos que incorporam a sua cultura e que fizeram parte da história de seus antepassados”. Ressaltando assim a importância do turismo étnico-afro como meio de honrar a história e a cultura do povo negro.

Segundo Cruz (2016, p. 71), cresce cada vez mais o número de “comunidades quilombolas que buscam, na atividade do turismo, usar a etnicidade como ferramenta de resistência, quanto à apropriação dos saberes e fazeres populares, das festas e celebrações, da gastronomia, do artesanato [...]” no país. O cenário de expansão do turismo em territórios quilombolas foi recentemente reafirmado pelo MTur, que pontuou ainda o aumento das pesquisas científicas relacionadas a este tema na realidade brasileira (Brasil, 2023).

Nesse sentido, torna-se necessário destacar a importância das relações estabelecidas entre as comunidades e os territórios quilombolas, inserida em um contexto de lutas, resistência e apropriação. Silva e Carvalho (2010, p. 208) ressaltam que esses territórios são resultantes de um tipo particular de percepção e processo de apropriação do espaço geográfico, “sendo constituídos por formas de organização social, comunicação grupal e laços de solidariedade comunitária específicos, ligando os indivíduos a um passado ou origem étnica comum”. Esses fatores dão coesão ao grupo e favorecem o desenvolvimento do turismo de base comunitária – conforme princípios já mencionados – com ênfase ao turismo étnico-afro, por se tratar de comunidades quilombolas.

Assim, a evolução dessa tipologia turística revela não apenas a busca por reconhecimento e valorização, mas também a capacidade de tais comunidades em se adaptar às demandas contemporâneas do turismo. Nesse sentido, ao incorporar elementos culturais significativos para os antepassados afrodescendentes, esse tipo de turismo visa promover a valorização e o reconhecimento da herança histórica e cultural da comunidade negra. Segundo Domingos (2019), o turismo étnico-afro

[...] Vai além da valorização da cultura afrodescendente, ele também se torna um movimento político, no qual os negros passam a ser protagonistas de sua própria história. Esse movimento político surge uma vez que a população negra não é vista como parte da sociedade brasileira pelo Estado, dessa forma os negros se apropriam da sua história e de sua ancestralidade, criando sua identidade negra. A partir disso, procuram formas de ocuparem lugares na sociedade que possam dar visibilidade a suas vozes que em muitas vezes são silenciadas. (Domingos, 2019, p. 28).

Diante do exposto, a amplitude do turismo étnico-afro extrapola a simples exploração turística convencional, adentrando em esferas identitárias, históricas e antropológicas. Destaca-se a sua relevância como um meio de resistência e forma enriquecedora de intercâmbio cultural, especialmente quando voltada para a comunidade afrodescendente. Além de proporcionar vivências autênticas, o turismo étnico promove a compreensão e valorização das diversas manifestações culturais, incentivando o diálogo intercultural e contribuindo para a salvaguarda e difusão das tradições e estilos de vida das comunidades visitadas.



CENÁRIO METODOLÓGICO

Este trabalho está orientado pelos pressupostos da pesquisa qualitativa, que, em suma, se concentra em aspectos que não podem ser quantificados, a partir da consideração de que há uma relação dinâmica e subjetiva entre o mundo real e o sujeito a ser pesquisado, e que nessa relação emergem diferentes significações (Prodanov & Freitas, 2013). Caracteriza-se também como sendo de natureza exploratória, já que busca conhecer as características de um dado fenômeno na intenção de encontrar explicações de suas causas e consequências (Richardson, 2012).

Operacionalmente, a pesquisa foi desenvolvida em duas etapas. A primeira consistiu na revisão de literatura, realizada a partir do levantamento e seleção das fontes bibliográficas, por meio da busca direcionada pelas palavras-chave deste estudo. Nesta etapa, realizou-se consulta direta a revistas científicas nacionais, livros e outras publicações que tratam direta ou indiretamente sobre o tema em elucidação. Em seguida, a investigação se debruçou sobre o *lócus* de estudo, a partir da pesquisa de campo. Nesta etapa, buscou-se maior aproximação com a comunidade, tanto na intenção de ampliar o contato e a vivência comunitária por meio da observação participante, como também pela posterior identificação e seleção de lideranças e atores-chaves que pudessem, mediante a participação voluntária, fornecer elementos e informações sobre a realidade pesquisada.

Assim, com a ida a campo foram identificados três representantes da comunidade que, após esclarecimento sobre os objetivos deste estudo, se prontificaram a colaborar, sendo duas do gênero feminino e um do gênero masculino, que se reconheciam enquanto pertencentes àquela comunidade e que dispunham de alguma relação com a prática de visitação ali realizada. Destarte, a escolha dos entrevistados se deu de forma intencional, levando-se em consideração o maior nível de envolvimento deles com a atividade turística desenvolvida na comunidade. Como instrumento de coleta dos dados, empregou-se um roteiro de entrevista semiestruturado composto por dez questões abertas, elaboradas com base no direcionamento dado pela revisão de literatura e com o intento de compreender a prática turística ali realizada e as suas aproximações com o turismo étnico.

As duas primeiras entrevistas foram realizadas de forma presencial, com visita à comunidade e experimentação do roteiro turístico ali comercializado. A terceira entrevista se deu de forma remota, por meio da utilização de chamada de vídeo. Os dados obtidos durante a etapa de campo foram, então, analisados e interpretados à luz da literatura e subsidiaram o entendimento sobre as dinâmicas, oportunidades e desafios do turismo étnico na comunidade quilombola Mimbó, conforme será visto na sequência.

DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA OPERACIONALIZAÇÃO DO TURISMO ÉTNICO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MIMBÓ

O município de Amarante está localizado no estado do Piauí, a 161 km da capital Teresina, dispendo de uma população de 17.234 habitantes, segundo os dados do censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024). Originária às margens do rio Parnaíba no século XVIII, Amarante destaca-se como berço de figuras proeminentes na política e literatura piauiense, incluindo o poeta simbolista Antônio



Francisco da Costa e Silva. Outra característica importante da cidade é que ela abriga o primeiro quilombo oficialmente reconhecido no Piauí, o Mimbó (Piauí, 2023). Amarante possui ainda um centro histórico com arquitetura portuguesa, além de manifestações folclóricas que enriquecem ainda mais o patrimônio cultural da cidade e de sua população.

O assentamento quilombola Mimbó está localizado na zona rural, distando 18 km da sede municipal. A comunidade Mimbó teve sua origem às margens do riacho de mesmo nome, no vale do rio Canindé, e sua fundação remete à junção de duas famílias negras que fugiam dos maus tratos da escravidão e se uniram com laços de matrimônio e solidariedade, a partir do casamento de três irmãos de uma família com três irmãs de outra, dando origem às primeiras três famílias do quilombo (Tavares, 2008).

A comunidade Mimbó é detentora de uma história de mais de duzentos anos, marcada por lutas e resistência. Em 1981, conquistou o reconhecimento como uma "comunidade de pessoas", sendo formalmente registrada como quilombola em 2006 pela Fundação Cultural Palmares (FCP). De acordo com o censo demográfico realizado pela primeira vez em comunidades quilombolas, a população do Mimbó é composta por cerca de 177 habitantes e 72 famílias, a situação fundiária é parcialmente titulada com 2.873,5074 hectares (CPISP, 2024).

Mimbó ainda conserva uma estrutura simples, com algumas casas de taipa e outras já em alvenaria, sendo a maioria delas ao longo da rua principal e as demais casas distribuídas nas outras quatro ruas que compõem a comunidade. Um posto de saúde e uma escola de ensino fundamental I fazem parte da estrutura da comunidade e atendem sua população nas questões básicas de saúde e educação, além de um espaço cultural para eventos, inaugurado em janeiro de 2023.

O processo de legitimação como comunidade quilombola para Mimbó se constitui, não apenas em um marco burocrático, mas, está inserido em uma narrativa mais ampla de resgate e preservação de sua identidade cultural singular. Nesse contexto, a observação de campo revelou que o avanço da modernidade proporcionou o acesso a celulares, televisões, ruas pavimentadas com paralelepípedos, mas as manifestações culturais de origem afro-brasileira continuam a fazer parte da rotina da comunidade. Assim, a manutenção da tradição e dos costumes surge como uma característica notável deste povo.

Esses costumes, que estão diretamente relacionados à cultura daquele povo, desempenham papéis fundamentais na identidade e coesão social da comunidade Mimbó. Com raízes profundas na tradição africana, os costumes, rituais e práticas religiosas da comunidade refletem uma rica herança cultural transmitida de geração em geração. A música, a dança e as festividades tradicionais desempenham um papel central na expressão cultural dos mimboenses, servindo não apenas como formas de entretenimento para a comunidade e os turistas, mas também como meios de preservação e celebração de sua identidade étnica.

Os traços culturais são a característica mais distintiva da comunidade Mimbó, mantendo-se resilientes apesar das mudanças decorrentes do contato com diferentes grupos étnicos. A influência cultural afro ainda é bastante forte na comunidade, evidenciada por manifestações como o Pagode do Mimbó, as danças afro, as práticas religiosas associadas ao candomblé, e outras expressões afrodescendentes. A vivacidade rítmica, a atmosfera festiva e a alegria que permeiam o Pagode do Mimbó expressam a importância desta comunidade como depositária de herança histórica e cultural, tanto para o Piauí quanto para o Brasil.



Destarte, a comunidade Mimbó é vista como um verdadeiro exemplo de resistência e preservação cultural. Ancorada em uma história de mais de duzentos anos, Mimbó é mais que um simples agrupamento de casas; é um símbolo vivo da luta contra a opressão e da resiliência do povo afrodescendente. No entanto, apesar de sua rica herança cultural, a comunidade Mimbó enfrentou e ainda enfrenta desafios socioeconômicos significativos. Nesse contexto, este trabalho foi realizado com o propósito de compreender as dinâmicas, as perspectivas e os entraves para o desenvolvimento do turismo étnico na comunidade quilombola do Mimbó (PI).

Com esse propósito, foi desenvolvido um roteiro de entrevista com 10 perguntas, aplicado a três membros da comunidade, sendo eles a líder comunitária (exerce liderança informal por ser uma das moradoras mais antigas do quilombo), o guia de turismo local e a gestora da escola da comunidade, que ajudam a compreender a dinâmica da atividade turística na comunidade. A entrevista foi realizada de forma presencial no dia 16 de março de 2024, em uma visita a comunidade Mimbó, com a líder comunitária e a gestora da escola, em outra ocasião foi realizada de forma remota com o guia de turismo da comunidade, no dia 24 de março de 2024. Em seguida, são apresentadas as respostas das entrevistas com as respectivas análises sobre o papel do turismo étnico no desenvolvimento da comunidade Mimbó em Amarante - PI.

As perguntas da entrevista foram elaboradas com base na discussão dos conceitos e práticas do turismo étnico. Assim, a primeira questão buscou saber se os entrevistados participam ativamente das atividades voltadas para o turismo na comunidade, e de que forma ocorre a participação de cada um deles. Para essa pergunta foram obtidas as seguintes respostas:

Líder comunitária: Pagode do Mimbó é espetáculo, umbanda dançando e na percussão cantando. Eu dançava o pagode, porém desisti por causa da idade e acompanho os grupos que vêm visitar a comunidade; **Gestora da escola:** Participo da dança do pagode, da umbanda e acompanho grupos de visitantes para conhecer a comunidade; **Guia de turismo:** Sim, sou guia de turismo.

Percebe-se uma variedade de formas pelas quais os entrevistados se envolvem nas práticas de visitação e turismo na comunidade Mimbó. Para duas delas, a participação ocorre a partir do envolvimento em expressões culturais ali fortemente presentes – como o pagode e a prática religiosa da umbanda; enquanto a outra entrevistada enfatizou a sua participação do ponto de vista da sua formação profissional (guia de turismo). Portanto, essa participação ativa dos entrevistados no turismo ressalta a importância de reconhecer os elementos mais significativos da prática de visitação na comunidade, ao mesmo tempo em que se reconhece o turismo como uma oportunidade de empoderamento, de envolvimento e valorização das atividades culturais e de prática profissional.

A próxima pergunta registrou os principais públicos que costumam visitar a comunidade Mimbó. Essa questão é de grande relevância para compreender o perfil dos visitantes da comunidade e suas motivações. Os resultados podem fornecer informações sobre o mercado potencial para o turismo étnico na região, ajudando a direcionar estratégias de mercado e desenvolvimento de produtos turísticos étnicos. Além disso, entender os principais públicos visitantes pode auxiliar na adaptação das experiências turísticas ofertadas para atender às necessidades e expectativas desses diferentes grupos. As respostas foram as seguintes:



Líder comunitária: E são pessoas do seu tipo, são pessoas turistas em busca de pesquisa, né? Não vou fazer uma universidade, preciso de uma pesquisa, é fazer Mimbó. Eu quero ajuda da comunidade, como começou? Tem aquela coisa sempre vem. É amanhã mesmo está bem com 22 dias para recebi o pessoal da Universidade Federal do Piauí; **Gestora da escola:** Turistas e estudantes. “É”, os turistas e estudantes. Muito, muito, muito. Sempre no sábado, no domingo, aqui não tem dia não; **Guia de turismo:** Escolas municipais e estaduais, universidades, faculdades, institutos federais e ONGs. Também já recebemos pequenos grupos da Itália, Colômbia, Moçambique, Estados Unidos e Cuba.

As respostas obtidas revelam um público de origem e interesses diversos. Os entrevistados relataram a visita de um dia de turistas em pequenos grupos ou excursões. Conforme registrado, parte significativa da visita ocorre através de práticas turísticas de cunho pedagógico ou científico em diferentes níveis de ensino. O fluxo de visitantes reflete o interesse crescente pelo turismo étnico e pela cultura da comunidade. O turismo étnico torna-se uma alternativa interessante para elevar a renda da população, ao tempo em que promove a preservação e valorização da identidade cultural da comunidade Mimbó, conforme discutido por autores como Aragão (2015) e Rosa Filho (2020).

A terceira pergunta registra de que forma ocorre a dinâmica de visita na comunidade, a fim de compreender como essa prática ocorre, as estruturas utilizadas e os elementos que compõem a experiência turística ofertada aos visitantes. Assim, as respostas são vistas na sequência:

Líder comunitária: Sim. Até que eu sempre acompanho. Eu e o guia de turismo. A apresentação é eu e o Rodrigo. É são cabo e guia ao mesmo tempo, leva o pessoal no mirante, onde é o pessoal na caverna. Agora que a caverna está interditada assim, porque devido à chuva, o acesso tá muito ruim pra chegar até lá, mas o mirante tá ótimo. Conhecer a escola, sim, conhecer a escola. Muitas vezes acontece que ela tá funcionando, fala com a diretora, aí pede permissão, enfim. Quando é final de semana as apresentações, quando é no espaço cultural, é aqui na escola. Tem em aquela coisa; **Gestora da escola:** Eu também acompanho a visita; **Guia de turismo:** o roteiro da nossa visita na comunidade. Ela acontece com que, primeiro a gente recebe, né? O visitante ali, naquele espaço cultural que a gente acha que você viu, a gente recebe ali, a gente faz uma roda de conversa e fala de como foi formada a comunidade, de como se iniciou. E aí depois a gente vai fazer a trilha, né? A gente desce uma trilha para ir até a caverna onde os dois casais de escravos vieram morar, aliás, por muito tempo. E de lá a gente vai até o mirante e aí depois a gente volta pela pelo centro de umbanda. Acho que você viu também a Tenda Espírita de Ogum.

Diante das respostas, fica evidente a existência de um roteiro de visita planejado para proporcionar uma experiência contextualizada aos visitantes, combinando elementos históricos, culturais e naturais. A narrativa da liderança comunitária e do guia de turismo destaca a importância de pontos estratégicos, como o mirante, a caverna, a escola e o centro de umbanda, proporcionando uma imersão na rica história e na diversidade cultural da comunidade. Além disso, a flexibilidade demonstrada em relação aos obstáculos, como o acesso à caverna, mostra a adaptabilidade do roteiro às condições locais. Essas informações são fundamentais para avaliar os aspectos qualitativos da experiência turística ofertada e para identificar possíveis pontos de melhoria.



A próxima pergunta (quarta questão) buscou compreender se, na percepção do entrevistado, o desenvolvimento da atividade turística contribuiu para a valorização da cultura da comunidade do Mimbó. Nesse questionamento os entrevistados responderam da seguinte forma:

Líder comunitária: Sim, mas nós mesmos é quem desenvolve a nossa cultura, porque o apoio que nós temos só do governo do estado, do município não tem o apoio. A comunidade não. Muitas vezes tem a escola, mas a comunidade não tem. Vamos dar um exemplo assim. Não, tem o apoio do Secretário de Cultura, mas não temos. Quando nós vamos a um evento lá fora, é o Estado. Ontem mesmo essas meninas foram aqui a uma fazenda, visitaram uma horta. Aqui, depois de Floriano, é o governo do estado. Nós temos mais apoio do governo do estado do que do município; **Gestora da escola:** Sim. Contribuiu para nós ficarmos mais conhecidos, para outras pessoas verem como é nossa cultura; **Guia de turismo:** Sim, contribui muito para a valorização da nossa cultura, porque é do turismo que a gente expande, a nossa história, a nossa cultura, até porque o nosso turismo mais ele é cultural. É onde a gente faz várias apresentações e quando o turista pede não são todos também porque a gente é tem dois pacotes, porque a gente tem um pacote sem apresentação e também a gente tem outro pacote com apresentação. Então contribui muito sim para a nossa cultura, porque ela expande, né? Não só aqui pra nós do Brasil, mas como também outros visitantes que vêm de outros países possam estar fortalecendo e mostrando como é a nossa cultura.

É notório que os respondentes têm a percepção da contribuição do turismo para a valorização da cultura local, porém, fica nítida na fala da líder comunitária uma insatisfação com a falta de apoio do governo municipal, o qual também deveria estar contribuindo com os processos de empoderamento e valorização cultural da comunidade. A esse respeito, torna-se pertinente ressaltar que a atual Constituição Federal destaca que o Estado deve garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes de cultura, além de apoiar e incentivar a valorização e a difusão das diversas manifestações culturais (Brasil, 1988). Quanto a essa questão, a carta magna não restringe competência, ficando então a cargo das três esferas do governo (municipal, estadual e federal).

A quinta pergunta da entrevista teve a intenção de saber se a comunidade possuía algum planejamento em relação à atividade turística de forma a tentar compreender se há estratégias ou iniciativas organizadas para orientar e gerenciar o turismo na comunidade Mimbó. Essa questão será essencial para compreender a conscientização e o engajamento da comunidade na gestão do turismo local, bem como para identificar oportunidades de desenvolvimento sustentável. As respostas foram as seguintes:

Líder comunitária: Sim, muitas vezes. O pessoal é atraído em busca da comunidade a vir pela internet. O pessoal vem pela internet, vê como são nossos movimentos na comunidade e daí vai atrair as pessoas a vir até aqui; **Gestora da escola:** Não possui nenhum planejamento; **Guia de turismo:** Então a gente não tem um planejamento assim em relação à atividade turística. O planejamento que a gente tem, né, é o agendamento que a gente recebe, as ligações. Aí a gente marca. Caso bate com outro grupo que já tenha marcado, a gente remarca. E é esse planejamento. A gente até já sentou, se organizou para fazer esse planejamento, né? Porque a gente pretende, né? Também tá colocando outras pessoas também “pro” turismo, para ser guia pra que, né? Não fique só eu nem só a líder comunitária, como outros também né? Possa também tá nos ajudando porque é passando de geração para geração.



As respostas dão indícios de que a atividade turística na comunidade Mimbó está sendo desenvolvida sem o planejamento adequado, o que desperta certa preocupação, tendo em vista que o planejamento é um requisito básico para o bom andamento da referida atividade. Pois, segundo Hall (2001), o planejamento é capaz de mitigar os possíveis impactos negativos do turismo, além de potencializar os benefícios econômicos e sociais que podem ser gerados pela atividade. Nesse contexto, é de suma importância realizar o devido planejamento do turismo para que se possa alcançar resultados mais significativos com essa atividade.

A pergunta seguinte (sexta pergunta) buscou conhecer os principais desafios enfrentados com a atividade turística. Essa questão é fundamental para compreender as dificuldades e obstáculos que podem impactar o desenvolvimento do turismo na comunidade e orientar a formulação de estratégias para enfrentá-los.

Líder comunitária: A dificuldade para nós quando vem pessoas estudantes, pesquisadores, nosso problema é alojamento em forma de... restaurante. Restaurante, nós não temos. Ainda bem que eu tenho uma sobrinha aqui, ali na... Aqui logo aqui, esses dois quebra-molas que vocês passaram ali, churrascaria coração de mãe, quando vem eles pra passar o dia, aí a gente já faz a encomendação da comida lá, que retorna. Mas não tem assim um restaurante específico pra receber eles, não. Eles dizem, não, tal dia vem um turista, passar o dia, vem pela manhã, volta a tarde. À noite eu vou dormir, aí tem ali no coração de mãe que faz a comida pra servir; **Gestora da escola:** Falta mais uma casa não, uma casa para nós recebê-los. Porque por lá tem um espaço mais... Uma pousadazinha, né? Para receber o povo; **Guia de turismo:** Acredito que dê imediato não temos.

Nota-se a falta de estrutura turística básica, como alojamento e restaurantes, o que emerge como uma preocupação comum entre os entrevistados e que pode representar um entrave para o desenvolvimento da atividade turística na localidade. Esses obstáculos podem limitar a capacidade da comunidade de atrair e satisfazer os visitantes, afetando potencialmente o desenvolvimento sustentável do turismo na região. Embora o guia de turismo não mencione desafios imediatos, as respostas das outras entrevistadas sugerem áreas que podem exigir atenção e investimento para melhorar a experiência dos turistas e promover o crescimento do setor turístico local.

Em seguida os entrevistados foram questionados (sétima questão) a respeito da realização de ações de divulgação da atividade turística no intuito de atrair mais visitantes, os quais responderam da seguinte forma:

Líder comunitária: A divulgação é feita principalmente através da internet. As atividades e movimentos da comunidade são compartilhados online para atrair pessoas interessadas em visitar o local; **Gestora da escola:** Não sei informar sobre nenhuma divulgação; **Guia de turismo:** A gente faz sim alguma divulgação, né? Para convidar os visitantes. A gente tem uma página no Instagram chamada quilombo do Mimbó também, onde a gente faz a divulgação do nosso turismo nas redes sociais, né? É assim que são feitas essa divulgação.

A comunidade Mimbó utiliza principalmente a internet como meio de divulgação para atrair visitantes, compartilhando suas atividades, movimentos e eventos por meio de perfis nas redes sociais. A presença digital, especialmente através das redes sociais, como o Instagram, desempenha um papel importante na promoção do turismo na



região. No entanto, é importante considerar estratégias adicionais de divulgação para ampliar o alcance e atrair um público mais diversificado, tendo em vista que o perfil citado apresenta um número de seguidores que pode ser considerado baixo para o potencial de alcance das redes (em 31 de julho de 2024 o perfil da comunidade no Instagram conta com 4855 seguidores).

Em continuidade, foi perguntado (oitava pergunta) sobre a existência de colaboração do setor público ou privado na atividade turística da localidade, sendo uma pergunta essencial para entender o apoio externo que a comunidade Mimbó recebe para o desenvolvimento do turismo. Para essa questão foram obtidas as respostas a seguir:

Líder comunitária: Não, tem o apoio do Secretário de Cultura, mas não temos. Quando nós vamos a um evento lá fora, é o Estado. Nós temos mais apoio do governo do estado do que do município. Só o federal e o estadual. Assim, vamos dar um exemplo. Nas festas de novembro e da consciência negra, nós temos muito patrocínio. Patrocínio, supermercado. Às vezes a primeira-dama colaborou com a gente e o pessoal das escolas, nós recebemos um patrocínio pra poder fazer essa festa, que vem muita gente, pra que nós fazemos a comida pra servir, não da comunidade, mas seus que vieram de fora pra fazer um lanche, um almoço, uma coisa; **Gestora da escola:** Não, só ela (líder comunitária) que recebe. Patrimônio vivo, ela recebe; **Guia de turismo:** Não.

As respostas obtidas destacam uma falta de colaboração significativa do setor público ou privado na comunidade Mimbó em relação ao desenvolvimento do turismo local. A liderança comunitária menciona um apoio limitado do governo municipal, com mais suporte vindo do governo estadual e federal, especialmente durante eventos culturais importantes. A gestora da escola menciona que a comunidade recebe algum apoio referindo-se a Idelzuita Paixão que é conhecida como um patrimônio vivo do Mimbó, mas não especifica mais detalhes. Essas respostas sugerem a necessidade de maior engajamento e apoio externo para impulsionar o desenvolvimento do turismo em Mimbó.

A falta de apoio institucional pode representar uma barreira significativa para a implementação de iniciativas de turismo e para o alcance de um maior desenvolvimento econômico e social na comunidade. Vale reforçar que a participação do poder público nas ações de incentivo ao turismo é de importância, sendo capaz de contribuir com a organização da atividade turística comunitária. Contudo, é preciso que os agentes do turismo local se posicionem na centralidade das discussões e das medidas para o estímulo ao turismo, ampliando as perspectivas de uma prática turística alinhada aos princípios do TBC e que, assim, garanta-lhes o protagonismo em sua condução (Brasil, 2023).

Na sequência, foi feita uma pergunta (nona pergunta) sobre os eventos presentes no calendário da comunidade, sendo uma questão fundamental para compreender as atividades culturais e turísticas que contribuem para a dinâmica local e atraem visitantes. Conhecer esses eventos permite identificar oportunidades para promover o turismo e fortalecer a identidade cultural da comunidade Mimbó.

Líder comunitária: Nós temos sim, primeiro, Reisado em janeiro. Agora em maio, Festa do Preto Velho, aqui na umbanda, estamos esperando 14 terreiro, nesse ano. Agosto festejo de Nossa Senhora da Saúde, e pra fechar com chave de ouro é Dia da Consciência Negra. **Gestora da escola:** Nós temos a festa de Reis, a Festa do Preto Velho, festejo da Nossa Senhora da Saúde e a festa consciência negra. **Guia de turismo:** A gente tem um calendário anual onde a gente começa





em janeiro, né? Janeiro a gente tem a Festa de Reis, né, que já faz parte dentro do catolicismo. Aí logo depois a gente tem maio, né? Onde há a religião de matriz africana, faz a festa de preto velho. Aí a gente tem agosto novamente. No catolicismo, a gente tem o festejo de Nossa Senhora da Saúde, que é de seis a 15 de agosto. E aí a gente encerra o ano lá em novembro, com o Festival da Cultura Afro Brasileira, que é em alusão ao Dia da Consciência Negra, que é sempre é festejado lá no último final de semana de novembro.

Os eventos presentes no calendário da comunidade são fundamentais para compreender as atividades culturais e turísticas que contribuem para a dinâmica local e atraem visitantes. Assim, ao preservar e promover elementos culturais significativos, o turismo contribui para a sustentabilidade socioeconômica da comunidade Mimbó, estimulando um desenvolvimento turístico responsável e inclusivo (Brasil, 2016). Conhecer esses eventos permite identificar oportunidades para promover o turismo e fortalecer a identidade cultural da comunidade Mimbó.

Uma última pergunta (pergunta 10) procurou investigar quais os benefícios que o turismo levou para a comunidade. As respostas para essa questão ajudarão a compreender melhor a percepção que os entrevistados têm sobre os impactos positivos do turismo na economia local, no fortalecimento da cultura e na melhoria da infraestrutura, dentre outros aspectos. Essa compreensão é crucial para orientar iniciativas futuras e políticas de desenvolvimento sustentável na comunidade Mimbó.

Líder comunitária: De dizer que traz, não. Eu não vou dizer que traz, entendeu? Vamos dar um exemplo. É uma comunidade muito procurada, é uma comunidade visitada. Muitas vezes, como eu te falei, amanhã tá com 22 dias, veio o pessoal da universidade, o professor David da universidade, veio também o reitor também da universidade. Aí aquele ali, ele vai, aloja no lugar e tudo. E a vantagem é aqui, porque o meu tempo que eu perco, pra dar minha entrevista, ele me deu uma ajuda de custo, entendeu? Mas assim, pró, dizer assim, vou deixar o benefício, não. É só o nosso amigo de Parnaíba, que fez um trabalho na comunidade, um trabalho na comunidade, que é o Chico Rasta, de Parnaíba. Ele fez um documentário da comunidade, esse sim, deixou vantagem na comunidade. Ele fez um trabalho, ele fez e veio prestar conta; **Gestora da escola:** Só o conhecimento, né? Bastante conhecido. Eles vêm, fazem as perguntas e vão embora. Eles pegam as informações e vão embora; **Guia de turismo:** Os principais benefícios que a gente ganhou, né, através do turismo para a comunidade foi que foi o reconhecimento, né? A gente expandiu mais a comunidade e a gente, né? Conseguiu, né? Muito ter a visibilidade de outras pessoas, de outras, de outros lugares, pra que pudesse chegar até a nossa comunidade para conhecer. Então foi esses benefícios que mostrou que a nossa comunidade é uma comunidade quilombola que resiste há mais de 200 anos.

Ainda que de forma indireta, o turismo contribuiu para a chegada de alguns benefícios na comunidade Mimbó, tais como: a pavimentação da estrada que liga a comunidade à zona urbana de Amarante, a construção do centro cultural e de eventos da comunidade, a qualificação das artesãs, dentre outros que foram viabilizados em função da notoriedade que o turismo deu à comunidade. Porém, as respostas dos entrevistados sobre a última pergunta indicam que eles ainda não têm muita percepção desses benefícios ou que não conseguiram perceber sua ligação com o turismo. Na fala da líder comunitária torna-se perceptível uma associação dos benefícios ao imediatismo, quando ela cita que um dos benefícios foi deixado por alguém que deu uma ajuda de custo em troca de sua entrevista. Já na fala do guia de turismo nota-se uma percepção mais



abrangente, quando ele cita o reconhecimento e a visibilidade como sendo benefícios alcançados a partir da atividade turística na comunidade.

Ao entrevistar membros-chave da comunidade, foram identificados desafios significativos, como por exemplo, a falta de infraestrutura turística adequada para receber os visitantes e promover sua maior permanência na comunidade. No entanto, também surgiram expectativas e planos para o futuro do turismo na localidade, indicando um compromisso com o crescimento sustentável da atividade. Embora a falta de apoio institucional, principalmente por parte do governo municipal, possa representar uma barreira, a comunidade demonstra resiliência e determinação em promover a preservação e valorização de seu patrimônio cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve o objetivo geral de compreender as dinâmicas, as perspectivas e os entraves do turismo étnico na comunidade quilombola do Mimbó (PI). A partir desta investigação, pode-se concluir que o turismo étnico desempenha um papel significativo, mesmo que ainda latente, no contexto da comunidade Mimbó, não apenas como uma fonte potencial de receita econômica, mas também como um meio de preservação e promoção da cultura afrodescendente local.

Os resultados da pesquisa revelaram que, dentro da dinâmica turística, as principais características do turismo étnico na comunidade Mimbó incluem a preservação das tradições culturais e religiosas afrodescendentes, o envolvimento ativo da comunidade, o perfil de público visitante, a oferta de um roteiro turístico estruturado que abrange pontos históricos, culturais e naturais, e a valorização da identidade cultural local. Esses aspectos destacam o turismo étnico como uma ferramenta fundamental e potencial para promover o desenvolvimento sustentável da comunidade Mimbó, fortalecendo suas tradições e costumes perante os visitantes.

Em relação a participação da comunidade nas atividades turísticas étnicas atualmente realizadas foi observado que a comunidade Mimbó se envolve ativamente nas práticas culturais que se tornaram atrações turísticas para os visitantes, representando um forte comprometimento com a preservação de sua identidade cultural.

Ao investigar os principais entraves enfrentados pela comunidade em relação à atividade turística foi constatado que a comunidade carece de um planejamento mais estruturado para maior organização do turismo, enfrentando desafios como a carência de estrutura básica e turística, além da escassez de apoio dos setores público e privado. Esses fatores representam grandes desafios que, se não forem solucionados, podem comprometer o desenvolvimento da atividade turística na região.

Nesse sentido, a comunidade mantém as expectativas de melhorar a infraestrutura turística da localidade, estabelecer e ampliar as parcerias com o poder público e a iniciativa privada, a fim de promover o desenvolvimento econômico e sustentável por meio do turismo. O calendário de eventos da comunidade representa, ainda, uma oportunidade de atração de visitantes e de disseminação da cultura local, podendo contribuir com os processos de valorização e preservação cultural.

Diante dos resultados e considerações apresentados, pode-se deixar algumas sugestões para orientar iniciativas futuras na comunidade, a saber: desenvolver um plano de turismo sustentável em colaboração com as autoridades locais, visando aspectos como a melhoria da infraestrutura turística, a qualificação profissional para o



setor, o marketing do destino e o apoio institucional; além de buscar diversificar as experiências turísticas oferecidas, incluindo atividades educacionais, culturais e de ecoturismo para atender às diferentes expectativas dos visitantes.

Em suma, o turismo étnico representa uma oportunidade valiosa para o desenvolvimento sustentável da comunidade Mimbó, em Amarante-PI, desde que seja gerenciado de forma responsável, respeitando a cultura local, promovendo o envolvimento da comunidade e preservando os recursos naturais.

REFERÊNCIAS

Aragão, I. R. (2015). Turismo étnico e cultural: a coroação da rainha das taieiras como atrativo turístico potencial em Laranjeiras (SE). *Caderno Virtual de Turismo*, 15(2), 195-2010. Recuperado de www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/1002

Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico.

Brasil, Ministério do Turismo. (2004). *Marcos Conceituais: orientações básicas*. 3. ed. Brasília, DF: MTur.

Brasil, Ministério do Turismo. (2010). *Turismo Cultural: orientações básicas*. 3. ed. Brasília, DF: MTur.

Brasil, Ministério do Turismo. (2016). *Turismo e Sustentabilidade - Orientações para prestadores de serviços turísticos*. 1. ed. Brasília: MTur.

Brasil, Ministério do Turismo. (2023). *Turismo Responsável no Brasil*. 1. ed. Brasília: SEDIS-UFRN; Brasília: Ministério do Turismo.

Cardozo, P. (2005). *Possibilidades e limitações do turismo étnico: a imigração árabe em Foz do Iguaçu* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS.

Costa, F. R. (2009). *Turismo e patrimônio cultural: Interpretação e qualificação*. São Paulo; Senac São Paulo: Edições SESC SP.

Costa, F. L. (2004, setembro). Turismo étnico, cidades e identidades: espaços multiculturais na cidade de Lisboa. In *Anais do VIII Congresso Afro-brasileiro de Ciências Sociais* (pp. 1-27), Coimbra, Portugal.

CPISP, Comissão Pró-Índio de São Paulo (2024). *Informações gerais sobre a comunidade quilombola Mimbó*. Recuperado de <https://cpisp.org.br/mimbo/>

Cruz, F. P. da. (2016). *O lugar do turismo no programa Brasil Quilombola-PBQ: A experiência construída no quilombo de Ivaporunduva no Vale do Ribeira-SP* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, DF.

Domingos, A. B. (2019). *Diáspora. Black: o fortalecimento do turismo étnicoafro* (Trabalho Conclusão de Curso, Turismo). Universidade Estadual Paulista,



Rosana, SP.

Hall, M. (2001). *Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos*. São Paulo: Contexto.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2024). *Informações gerais sobre a cidade de Amarante no Piauí*. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/amarante.html>

Piauí, Governo do Estado (2023). *Governador entrega título coletivo de terra à comunidade quilombola Mimbó*. Recuperado de <https://antigo.pi.gov.br/noticias/governador-entrega-titulo-coletivo-de-terra-a-comunidade-quilombola-mimbo/>

Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. de. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo, RS: Feevale.

Organização Mundial do Turismo (OMT). (2003). *Turismo Internacional -uma perspectiva global*. Porto Alegre, RS: Bookman.

Richardson, R. J. (2012). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. - 14. reimpr. - São Paulo, SP: Atlas.

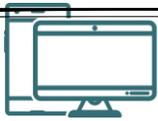
Rosa Filho, W. de C. (2020). Turismo Étnico-Cultural na Comunidade Quilombola de Piqui da Rampa, Contribuindo com o Desenvolvimento Sustentável, na Geração de Trabalho e Renda. In L., Silvestre (Org.), *Ciências sociais aplicadas: as relações como meio de compreender a sociedade*. Ponta Grossa, PR: Atena.

Silva, R. E., & Carvalho, K. D. (2010). Turismo Étnico em comunidades quilombolas: perspectiva para o etnodesenvolvimento em Filipa (Maranhão, Brasil). *Turismo & Sociedade*, 3(2), 203-2019. Recuperado de <http://revistas.ufpr.br/turismo/article/viewFile/19631/12828>

Souza, N. N. S. D. Irving, M. D. A. Souza, C D. M. E., & Lima, M. A. G. D. (2021). Turismo étnico indígena: definição conceptual, potencialidades y desafíos en Brasil. *Turismo: Visão E Ação*, 23(2), 308-328. Recuperado de <https://doi.org/10.14210/rtva.v23n2.p308-328>

Souza, N. N. S., & Pinheiro, T. R. (2018). *Turismo Étnico. Volume Único*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Cecierj.

Tavares, D. M. S. (2008). *A Capela e o Terreiro na Chapada Devoção Mariana e Encantaria de Barba Soeira no Quilombo Mimbó, Piauí* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo.



Cronologia do Processo Editorial

Editorial Process Chronology

Recebido em: 24/02/2025

Aprovado em: 07/04/2025

Received in: February 24, 2025

Approved in: April 07, 2025